

MUNDO GRÁFICO

DEPÓSITO LEGAL
E-1021/1942



Na praia
de ouro
da Nazaré
os pescadores
dansam
o vira
entre as espumas
do mar

Sumário

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»

REFLEXOS DO MUNDO

A VITÓRIA TOTAL DO IMPÉRIO

A DERROTA DE ROMMEL

DANSAS PORTUGUESAS

MAIS PERTO DO CEU, por Mariac Dimbla

A R. A. F. DOMINA A EUROPA

PORTUGUESES EM LONDRES

FIGURAS E FACTOS

A VITÓRIA DO 8.º EXÉRCITO

A CAMPANHA DE LESTE, por Carlos Ferrão

A BORBOLETA DO BAR, novela de Aleixo Ribeiro

PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim

CINEMA, de António Lourenço

AVIADORES DE ALTITUDE

IMAGENS DA GUERRA

BIOGRAFIA

TIPOS PITORESCOS, por José Barão

O FAROLEIRO DA ROCA

capa de J. Lobo

HERPETOL

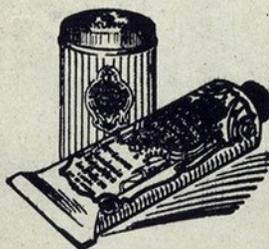
PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

ã vende em todas as farmácias e drogarinas

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



M.º CAMPOS

CREME E PASTA
DE AMÊNDOAS

Rainha da Hungria

SÃO PRODUTOS M.º CAMPOS



Academia
Científica de Beleza

Avenida da Liberdade, 35

LISBOA

2

produtos indispensáveis
à beleza da sua pele



..aqui AMERICA

Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)



Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
7,15	WDJ	Todos os dias.....	39,7 m. (7,565 mc/s)
7,15	WRCA	Terça-feira a Domingo...	31,02 m. (9,67 mc/s)
7,15	WNBI	Só Segunda-feira	25,23 m. (11,89 mc/s)
8,30	WRCA	Terça-feira a Sábado.....	31,02 m. (9,67 mc/s)
8,30	WNBI	Só Segunda-feira	25,23 m. (11,89 mc/s)
18,30	WDO	Todos os dias.....	20,7 m. (14,47 mc/s)
19,30	WRCA	Todos os dias.....	19,8 m. (15,15 mc/s)
19,45	WGEA	Segunda-feira a Sábado..	19,56 m. (15,33 mc/s)
21,30	WGEA	Todos os dias.....	19,56 m. (15,33 mc/s)
21,30	WDO	Todos os dias.....	20,7 m. (14,47 mc/s)

**OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA**

OS AMERICANOS DESEMBARCARAM

Os dias 24 de Outubro e 8 de Novembro do corrente ano ficarão assinalados, na história do actual conflito, por dois acontecimentos de capital importância: o início da ofensiva britânica no Egipto e o desembarque das tropas americanas no norte de Africa. A distância de quinze dias que medeou entre eles serviu para decidir da vitória das tropas imperiais e para completar os preparativos que permitiram realizar, com pleno êxito, uma das mais gigantes operacões militares de todos os tempos. Serviu ainda para pôr em relêvo, de maneira inequívoca, a fraternidade de armas anglo-americana, garantia da vitória e da realização de uma paz de justiça e de respeito pelos direitos de todos os povos livres.

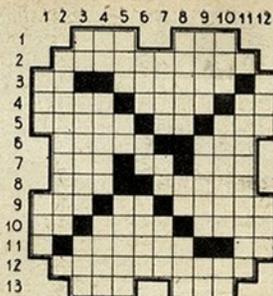
No sábado, 1 de Novembro, o marechal Rommel, comandante das forças do «eixo» em operações no continente africano, lançou um poderoso contra-ataque em que empenhou a melhor parte das suas forças blindadas. O contra-ataque malogrrou-se. Dois dias depois verificava-se a rotura da frente germano-italiana inicialmente realizada por uma divisão australiana e explorada, imediatamente, por contingentes britânicos e neozelandeses. A partir desse momento, a batalha entrou numa fase de movimento e a progressão das tropas imperiais passou a realizar-se num ritmo impressionante.

O desembarque dos norte-americanos em Africa constituiu uma operação que se relaciona com a primeira mas visa objectivos mais extensos. Trata-se de liquidar a campanha africana e de preparar as bases de partida para desencadear uma ofensiva sobre o continente europeu.

O problema da segunda frente aparece, assim, automaticamente resolvido. As tarefas que precederam a realização dessa operação são de uma tal grandeza e importância que bem pode afirmar-se que se trata de um caso único em todos os tempos.

A cooperação das diversas armas verificou-se com uma eficácia impressionante; o funcionamento dos serviços de abastecimentos foi impecável. Assim puderam ser desem-

(Continua na pág. 27)



PROBLEMA N.º 51

HORIZONTAIS

- 1 — Preposição que indica um termo no tempo — Queira bem.
- 2 — General Comandante em Chefe do 8.º Exército Inglês na Líbia.
- 3 — Nada; Corrente de fusis metálicos.
- 4 — Terra que era inculta, mas que foi arroteada; Peito; Nesse lugar.
- 5 — Marca; Sua; Pronome pessoal.
- 6 — Canais; Saúdação.
- 7 — Eiró; Conjunção que designa alternativa; Cessação de hostilidades (Latim).
- 8 — Maior; Sistema.
- 9 — Flexão proclítica e enclítica de «vós»; Nome duma letra grega; Pêlo de certos animais.
- 10 — Artigo (pl.); Peixe da costa portuguesa; Espécie de esquilo.
- 11 — Galhofa; Artigo antigo.
- 12 — General americano, comandante das Forças Unidas que combatem no norte de Africa.
- 13 — Dificuldade; Preposição que indica falta.

VERTICAIS

- 1 — Preposição e artigo (pl.); Percorre o espaço.

- 2 — Marinheiros.
- 3 — Preposição e artigo; Batráquios de pele nua, corpo obeso e sem cauda; Viscera.
- 5 — E o resto; O lado do vento (náut.); Calques.
- 6 — Qualquer fluido aeriforme; Afastado; Imagem pintada da Virgem ou dos Santos, na Igreja Grega.
- 7 — Composições poéticas destinadas ao canto; Nome antigo da primeira nota da gama musical; Cidade da Bélgica junto ao rio Dendre.
- 8 — Cada um dos pequenos parapetos na parte superior dos castelos; Língua românica que outrora se falava entre o Loire e os Pirenéus; Preposição e artigo (pl.).
- 9 — Ponto equidistante dos extremos; Tolera; Nós (Inglês).
- 10 — Data; Fugir; Preposição que indica lugar.
- 11 — General inglês, comandante em chefe das forças imperiais que operam no Extremo Oriente.
- 12 — Tempo que decorre entre o nascer e o pôr do Sol; Nome duma árvore, cuja casca aromatiza o vinho.



Solução do problema n.º 50

EMPRESA FABRIL DO NORTE, L.^{DA}

SENHORA DA HORA

Telefone 12 ≈ S. H.

Fábrica de Fiação, Tecidos Finos e Linhas para coser e bordar
Fabrico especial de Popelines para Camisas e Pijamas, côres finas

A MELHOR POPELINE NACIONAL



Peça em tôdas as boas camisarias as
Camisas de Popeline da SENHORA DA HORA

São as de melhor qualidade e as mais Distintas

REFLEXOS DO MUNDO

Um jantar curioso



Depois de aprisionado, o comandante do «Áfrika Korps» general Ritter von Thoma, juntou com o general Montgomery.

Durante a refeição discutiram a antiga e a actual batalha do Médio Oriente. A toalha da mesa ficou coberta de diagramas das operações desenhadas pelos dois adversários.

Montgomery declarou depois que o general Ritter von Thoma havia dito: «a situação é crítica».

De facto, a vitória de Montgomery não pôde ser mais brilhante.

Abafos para os aviadores



Os Estados Unidos utilizarão no ano corrente a lã de nove milhões de carneiros para equipar os aviadores e

americanos com os novos abafos de inverno, cada um dos quais utiliza a lã de doze a quinze animais. Um processo novo permite dar maior duração a esses abafos sem aumentar o peso em relação aos modelos anteriores.

Os pilotos acham-nos muito confortáveis, principalmente voando a temperaturas inferiores a 40 graus centígrados.

Mais de mil aviões destruídos



No mês de Outubro foram destruídos sobre a ilha de Malta, segundo números oficiais, 140 aparelhos do eixo.

Desde que a Itália entrou na

guerra foram abatidos na ilha valorosa 1.090 aviões inimigos. Dêstes aviões, 854 foram destruídos por pilotos de caça da R. A. F.

No ano de 1942 o total de aparelhos do eixo que morderam o pó na ilha-fortaleza eleva-se já a 809 sendo o mês de Julho aquele em que se infligiram mais baixas.

São números que ficam para na história a atestar a heroicidade de Malta.

Aço americano



Não obstante ter sido fundada há apenas doze mezes

uma só companhia americana está produzindo anualmente mais aço do que o que se calcula ser a produção total da indústria japonesa. Tanto os convertedores dessa fábrica como as suas extensas oficinas foram adaptadas às necessidades de guerra, produzindo-se couraças e blindagens onde outrora se fabricavam chapas para automóveis e para outros produtos de uso civil. Como se sabe os Estados Unidos é a nação que produz mais aço do mundo.

Os heróis



No Palácio de Buckingham, Sua Magestade o Rei Jorge VI condecorou com a Ordem de Serviços Distintos o tenente-coronel aviador Percy Pícard.

Pícard participou no filme «Alvo para esta Noite» tripulando o avião «F». A condecoração foi-lhe dada pela coragem demonstrada no transporte de paraquedistas.

Na mesma ocasião foi condecorado por Sua Magestade o comandante de um contra-torpedeira que destruiu dois submarinos no mesmo dia. Trata-se do

capitão de fragata Philips Powell que recebeu três condecorações ao mesmo tempo: Ordem dos Serviços Distintos, a Cruz dos Serviços Distintos, e uma barra.

A mãe do general



O general Montgomery, que acaba de entrar na história coberto de louros, costumava passar

as férias junto de sua mãe, em Belfast. Desde o início do conflito não mais a tornou a ver.

A fulgurante campanha do 8.º Exército veio trazê-lo ao primeiro plano. Um jornalista quis ouvir as impressões de Lady

Montgomery sobre os triunfos do grande cabo de guerra. O comentário foi simples:

— «Estou muito orgulhosa do meu filho».

Nem mais uma palavra.

Clark Gable



Mais um actor de Hollywood que entra para o serviço das forças armadas americanas. Ele, que

tanta vez tem encarnado os seus galãs na elegância da farda, sente agora, sob essa farda palpitante, realmente, o seu coração de soldado.

Ao prestar juramento como oficial aviador, Clark Gable es-

tava profundamente comovido. Os ensaios que tanta vez tivera nos estúdios não o haviam imunizado das emoções verdadeiras.

Foi, porém, com a voz e a mão firmes que declarou combater até à morte pelo seu país.

Aqueles que observavam em Hollywood apenas a superficialidade têm visto nesta guerra que a capital da Cinelandia não foge aos seus deveres, mesmo quando eles impõem mais duros sacrifícios.

UMA FOTOGRAFIA HISTÓRICA

Os Reis de Inglaterra, com as princesas Elisabeth e Margaret Rose, recebem em Buckingham Palace mrs. Roosevelt



165 PRIMEIROS PREMIOS

acvatic

MOVADO

Protegido contra água,
poisera-qualquer acidente e
completamente anti-magnético

Quereis ganhar dinheiro?

ANUNCIAR NO
«MUNDO GRÁFICO»

A melhor revista
gráfica portuguesa



BRIGADEIRO G. ERSKINE ★

HÁ aproximadamente três meses, nos primeiros dias de julho deste ano, por um esforço supremo de vontade e de heroísmo, as tropas imperiais britânicas estabilizavam a frente em El Alamein. Durante uma semana, de 1 a 8 daquele mês, o comando e os soldados da Comunidade britânica e dos seus aliados, detiveram o inimigo numa altura em que, por toda a parte, se considerava irresistível o seu avanço. O dia 3 foi o dia decisivo em que com a sorte do Egipto, se jogou uma fase decisiva do actual conflito.

Não é difícil imaginar, hoje que o Vale do Nilo se encontra libertado da ameaça germano-italiana o que teria acontecido se o marechal Rommel conseguisse atingir Alexandria e o Cairo. O plano do «eixo» que consistia em atacar, simultaneamente, pelo Caucaso e pelo Egipto, alcançando o domínio do Próximo Oriente e do Suez.

O sangue frio e a excepcional capacidade de manobra do comando britânico salvaram nessa altura a situação e com ela a sorte da guerra. Mas em fins de Agosto, Rommel voltou ao ataque. Era a decisão que ele procurava empregando todos os meios de que dispunha. Um homem ergueu-se no seu caminho conquistando para as armas britânicas mais uma vitória imorredoura. Foi o brigadeiro George James Erskine, um chefe consagrado aos quarenta e três anos pela admiração incondicional dos seus subordinados e o louvor merecido dos seus superiores. Erskine deu uma réplica de tal forma decisiva ao ataque germano-italiano que, graças à sua acção, foi possível criar as condições para que se preparasse a ofensiva que os generais Alexander e Montgomery agora desencadearam com tão assinalado êxito na frente de El Alamein, com o objectivo de liquidar de uma vez a resistência inimiga na frente africana.

CRÓNICA INTERNACIONAL

A OFENSIVA GERAL

NÃO foi por acaso que o marechal Smuts anunciou no discurso histórico que proferiu perante o Parlamento britânico, a ofensiva geral das Nações Unidas. A sua declaração, feita por uma das personalidades mais representativas do Império britânico no nosso tempo, não traduzia apenas a opinião pessoal dum grande chefe militar que é, simultaneamente, um filósofo e um homem de Estado. Ela era o aviso dum bloco de países unidos no pensamento comum de realizar, o mais rapidamente possível, uma vitória militar total e incontestável.

Poucos dias depois de ter sido pronunciada aquela memorável oração, o general Montgomery desencadeava no Norte de África o seu ataque que, ao fim de doze dias, se traduzia pela rotura da frente do adversário solidamente constituída ao longo de quatro meses de trabalho dos seus especialistas de engenharia. Acresce a esta circunstância que as tropas do Eixo eram superiormente comandadas por um oficial que é considerado como um dos melhores e mais sabedores estrategistas do seu país.

Mas o ataque na frente de El Alamein não pode ser considerado isoladamente do que se passa nos outros teatros de operações. Nem se trata de uma iniciativa destinada a ficar isolada nem é uma acção que deve ser estudada independentemente do que se passa nos campos de batalha que se estendem actualmente por todos os continentes e oceanos. É que, e a opinião pública de todas as partes não deixa de ser impressionada por esse facto, simultaneamente os acontecimentos que se desenrolam nos outros teatros da luta se resumem também em resultados, de incontestável importância estratégica, favoráveis à causa que a Gran-Bretanha superiormente simbolisa. Na frente leste, da Europa, a resistência aproxima a campanha de inverno que, segundo todas as probabilidades, se não resolverá numa estabilização completa. Pelo contrário as informações mais autorizadas dão a entender que, durante a quadra invernal, embora o ritmo da luta não seja mesmo esta não cessará.

No Pacífico Sul é agora evidente que a série de vitórias nipónicas, iniciada com o episódio doloroso de Pearl Harbour, teve o seu termo. Os reverses já começaram e alguns deles, especialmente aqueles que têm sido firmados pela actividade da aviação norte-americana, destinam-se a ter as mais profundas repercussões no conjunto do conflito actual. Que dizer, então, da resistência magnífica dos fusileiros navais que, em nome e na representação das melhores energias norte-americanas, desembarcaram em Guadalcanar e ali se têm mantido? Juntos a isto a vitória incontestada alcançada na Nova Guiné, onde depois da ocupação de Kokoda, se iniciou um avanço sobre Buna e é legítimo concluir que a fase dos acontecimentos no Pacífico Sul se transformou de maneira radical.

A ofensiva aliada conduzida pelo ar sobre os territórios do Reich, da Itália e dos países ocupados tomou uma amplitude que excedeu todas as expectativas. E nos vários campos de batalha é essa aviação que afirma a sua superioridade em condições de tal maneira significativas que são os próprios comunicados oficiais do adversário que a põem justamente em relevo. Esse acção conjugada com o desgaste crescente produzido pelo bloqueio são dos factores que embora atuando com certa lentidão, conduzem a resultados certos e inexoráveis.

Os Estados Unidos em África

A guerra ganhou, súbitamente, perspectivas gigantescas. No relógio da História, sempre tão certo, soou a hora grande da ofensiva das Nações Unidas. Enquanto Montgomery destruiu os panzers do «eixo», numa fulminante corrida, os exércitos americano e inglês desembarcavam em Marrocos, num notável êxito militar. Esta operação delineada por Roosevelt foi um golpe de mestre na estratégia de todos os tempos. A sua concepção e realização são insuperáveis. Libertas as populações, que, de resto, já pareciam aguardar o acontecimento, as cidades, portos, e bases do Mediterrâneo ocidental, onde agora tremulam as bandeiras americana, francesa e inglesa, são outros tantos pontos para o domínio absoluto daquele mar, e o que é mais, testas de ponte para o ataque à Itália. Smuts é de opinião que esta guerra se decide no teatro africano. Os factos confirmam o seu pensamento.

Montgomery venceu

Não se suponha que a vitória do 8.º exército não é uma decisão final na guerra da Líbia. Tudo indica que desta vez não haverá retrocesso de posições. Não só a fronteira do Egipto fica, definitivamente, livre, mas o inimigo, em virtude das perdas sofridas, já não é capaz de se reagrupar, tanto mais que está cortado das suas bases e que, através do Mediterrâneo, agora mais do que nunca o poderio pertence às esquadras das Nações Unidas. Do outro lado, a ocidente do continente negro, com a entrada do exército americano, na Tunísia, levanta-se uma ameaça temerosa. A África ficará livre. E isto ainda não é a segunda frente!

A América no Pacífico

O Japão continua imobilizado. O seu curto fôlego militar está agora sendo asfixiado pelas tropas de Mac Artur. As sucessivas derrotas da sua esquadra deram às forças navais americanas completa liberdade de movimentos. Nas ilhas de Salomão têm caído milhares de aviões nipónicos e, na Nova Guiné, os americanos quasi que dominam, por completo, a ilha. E nem a Austrália, nem a Índia, nem a Sibéria, foram atacadas pelo Japão, cujas forças depauperadas por uma luta mortífera com a China, não se arriscam a uma campanha que tudo o indica lhes seria fatal.

Palavras de Roosevelt

«A derrota do «eixo» é tão inevitável como o nascer do sol todos os dias.»

O OBSERVADOR

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: ARTUR PORTELA
Editor: ROCHA RAMOS

Propriedade de Mundo Gráfico, L^a

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 25240

Composição e Impressão: Neogravura, L^a, Travessa da Oliveira, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O Exército da Índia, organizado pelo general Wavell, e constituído por milhões de homens. Esse exército, como todos os dos outros Domínios são a expressão gloriosa da unidade do Império

A VITÓRIA TOTAL DO IMPERIO



A Contribuição dos Domínios e da Índia no esforço de guerra tornou-se decisiva. Todos eles estão empenhados na realização da vitória total com a mesma decisão, a mesma energia e o mesmo entusiasmo

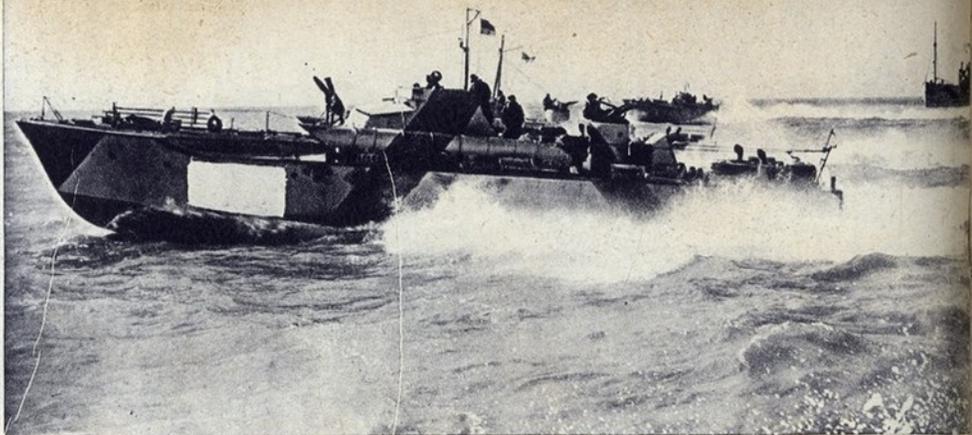
que caracterizam o esforço da metrópole britânica. Para alguns desses Domínios a fórmula da guerra total tornou-se não apenas uma palavra de ordem mas um imperativo da consciência nacional nas respectivos países.



O Canadá em armas. Navios, homens, munições, saem constantemente daquele Domínio. Parv-
quedistas canadianos que se treinaram na América, já estão na Gran-Bre-tanha



Um batalhão de paraquedistas canadenses lança-se no espaço. Cada ponto branco representa um homem completamente equipado



Milhares de vedetas-torpedeiras, muitas delas construídas no Canadá, estão dizimando os submarinos alemães

Calcula-se que estejam actualmente em armas muitas centenas de milhares de indianos, não sendo exagerado fixar a cifra total dos recrutamentos até agora feitos em um milhão de homens. Mensalmente saem preparados para os campos de batalha espalhados pelos mais diversos pontos do globo sessenta a setenta mil soldados naturais de Índia. Mas, além desta contribuição valiosíssima, a Índia desenvolveu, durante os últimos tempos, de maneira impressionante, a sua indústria de guerra sendo já numerosas as armas que ali se fabricam, o que constitui um elemento

que pode amanhã tornar-se preponderante para a evolução dos acontecimentos no continente asiático e no Próximo Oriente. O caso do Canadá é dos mais salientes que a guerra suscitou. Desde o primeiro momento que este importante Domínio se colocou incondicionalmente ao lado da Metrópole. As tropas canadianas, chefiadas por um dos mais bravos e sabedores chefes militares revelados nos últimos tempos, o general Mac Naughton, tem-se batido em condições excepcionalmente difíceis por vários teatros de operações

(Continua na página 29)



A vitória do 8.º Exército. A conquista de uma posição inimiga. O seu último defensor foi posto fora de combate



HELLO, AMÉRICA!

AIRCRAFT
FIRST AID PACK
U.S.N.

A VITÓRIA DO 8º EXERCITO



Ao lado da infantaria britânica, as heroicas tropas gregas combatem contra os invasores do seu país



As primeiras fotografias do irresistível avanço do 8.º Exército. Em cima, a valorosa infantaria britânica ataca um tank inimigo. A guarnição rende-se à ponta da baioneta. Em baixo, a grande ofensiva prossegue. Numa torrente de aço e de fogo, as tropas inglesas fazem recuar Rommel, destruindo tudo à sua passagem



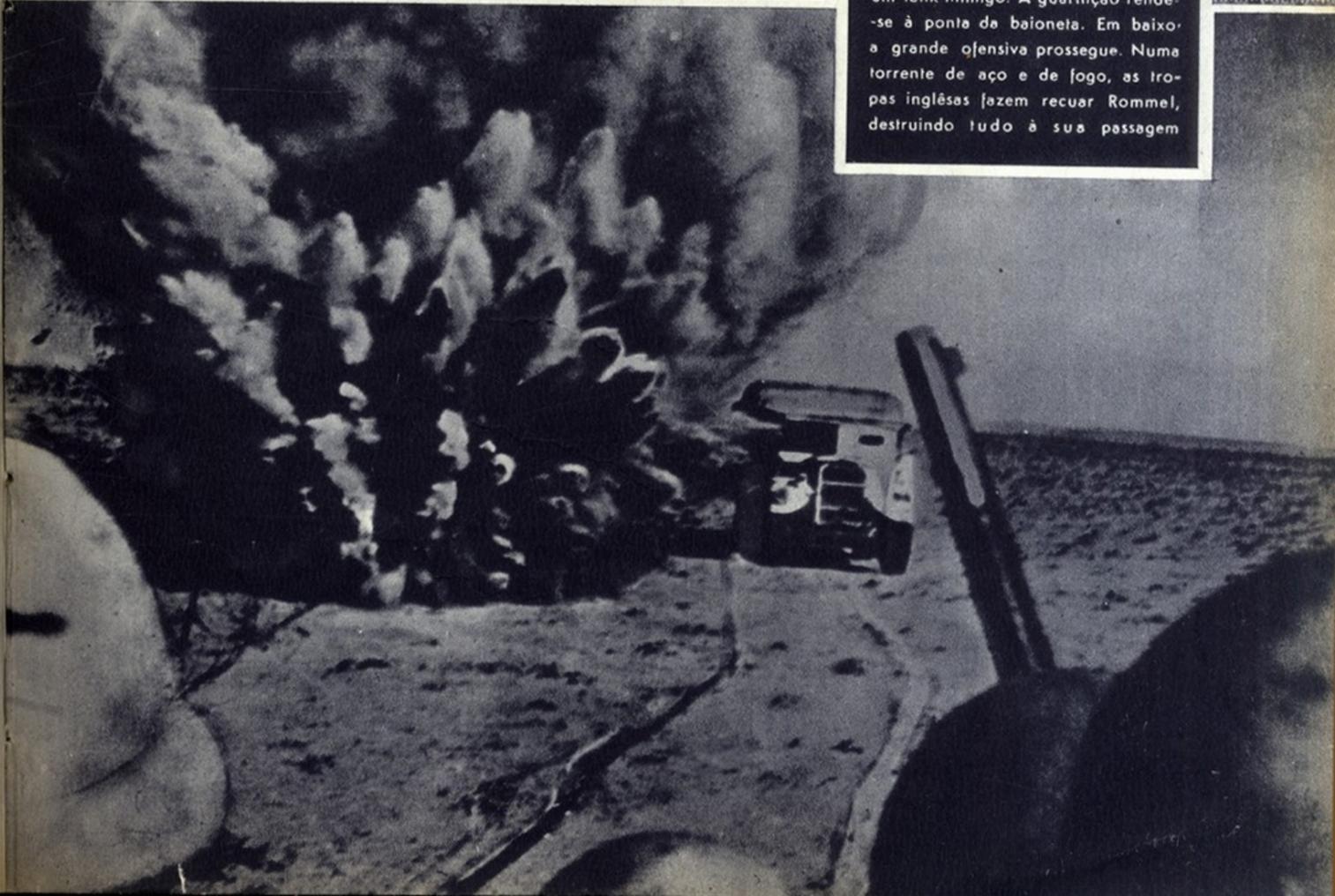
Alexander, comandante-chefe das tropas inglesas no deserto, ordena que todos os aviões ataquem o inimigo em retirada. Eis as esquadrilhas de um dos numerosos aeródromos, levantando vôo para cumprir essas ordens, que desbarataram o inimigo



Nos próprios destroços dos veículos inimigos, a infantaria improvisa momentâneas posições. O avanço continua

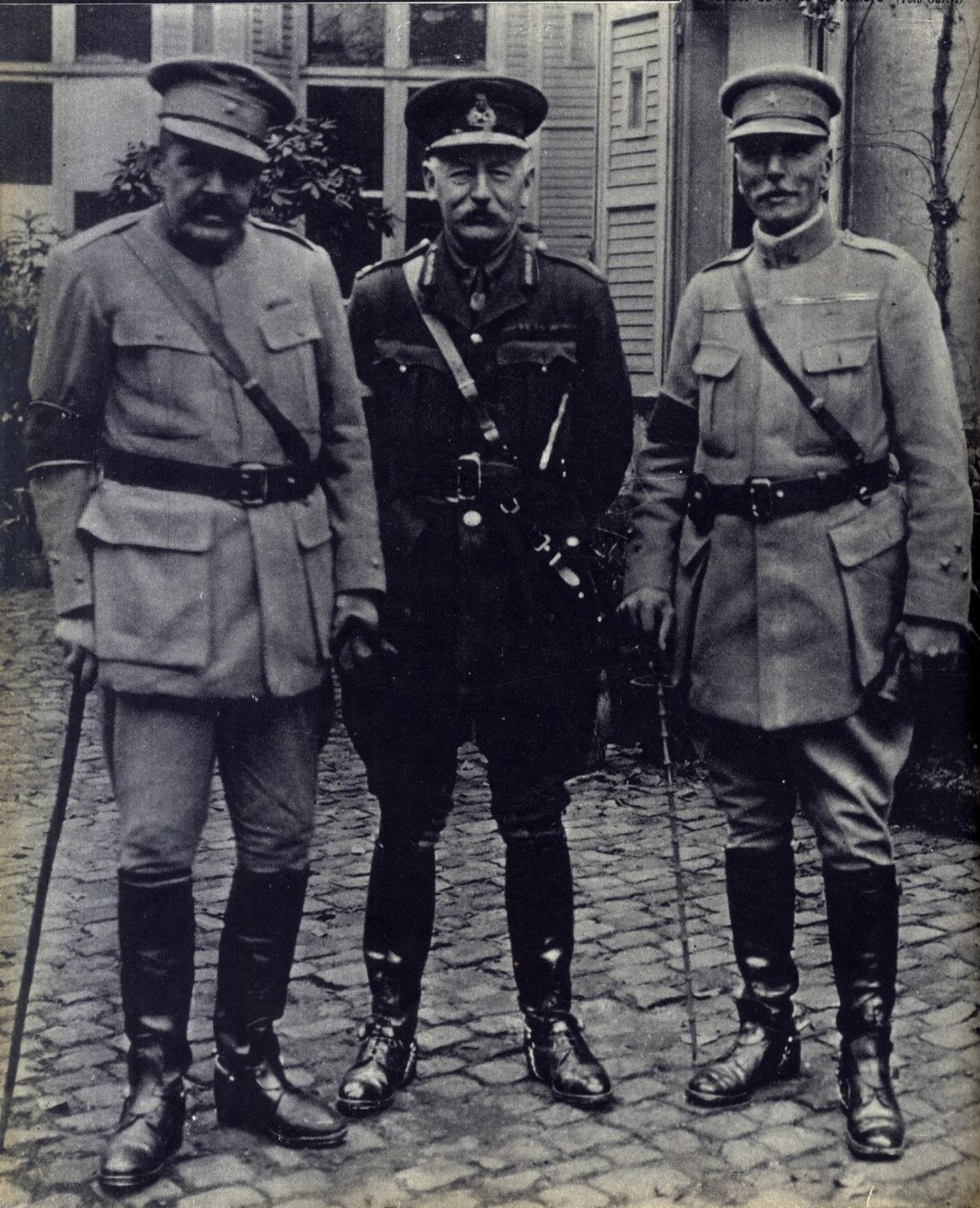


O tenente-general Montgomery, o vencedor da batalha, observa de bordo do seu avião a retirada de Rommel



PORTUGAL NA GRANDE GUERRA

O general Tamagnini de Abreu, comandante do C. E. P., com o general Hackiag, comandante do 11.º Exército Inglês, ao lado do qual os portugueses se bataram durante a Grande Guerra, e o general Gomes da Costa, comandante da 1.ª Divisão que se encontrava na frente. Estas figuras revivem agora nas comemorações de 11 de Novembro. (Foto Garcez)



FIGURAS E FACTOS



As comemorações do ano jubilar de Fátima, O sr. Cardeal Patriarca recebe os cumprimentos da Acção Católica Feminina



As últimas eleições. O sr. Presidente da República entregam lo o seu voto na assembléa de Cascais



O Professor Carlos Santos, que attingiu o limite de idade, despede-se dos seus alunos do Conservatório



O sr. Presidente do Conselho votando no liceu Pedro Nunes



A Associação de Socorros Mútuos Inhabilidade comemorou o seu aniversário



O vira da Nazaré é alegre e balanceado como as ondas do mar. Foi mesmo ele quem o ensinou a dançar aos pescadores daquela linda praia portuguesa



O vira da Nazaré é diferente do da cidade. É mais salgado e saltado. E as saias, às vezes batidas pelo vento, descobrem verdadeiras maravilhas de estatuária



Ao fundo, a proa recurva do barco, meia lua de prata, que fende as águas azues do mar, e as redes morenas, cenário natural desta dança característica da beira-mar

DANSAS PORTUGUESAS

A gente do mar gosta apaixonadamente da alegria. Sem ser frívola nem superficial, sem gastar tempo em indolências e «prichos», sabe cantar e sabe, muito principalmente, dançar. Nisto e em muito mais, excede, de largo, as características da gente da serra.

Se é verdade que nós somos sempre conseqüência do meio em que vivemos, não é menos verdade que a nossa boa gente da orla marítima é discípula do mar. Reparem na sua indumentária, nos seus gestos e nas suas falas. Não lhes parece que esses trajes, essas atitudes e essas palavras lembram constantemente os movimentos do mar? Reparem, ainda, com mais atenção, nos seus bailarinos: Não concordam que esses melões, passos, fluxos e refluxos, lembram as ondas?

Fixemos agora a nossa atenção no Vira da Nazaré, documentado aqui, através de expressivos «clichés»: A parilha de bailarinos, ao fim das horas de trabalho, dança na praia. São noivos que um dia, muito breve, irão, mãos dadas, ao altar. Estenuantes de mocidade e amor, eijos «dorando», nas voltas caprichosas do vira. Ele canta, ora irônico, ora apaixonado; ela responde-lhe à letra, deitando pelos olhos, da cor da noite, chipas de ternura e tentação. Bailam, rodo-

piam, trocam lugares, saltam alegres, embriagados de felicidade.

O mar foi quem deu origem ao Vira da Nazaré. Por isso esta parilha de bailarinos parece arrancada às próprias ondas. Como elas, seus gestos avançam brincando, numa corrida infantil e ao mesmo tempo heroica, até que se desfazem em deliquios de espuma. O mar sabe cantar; o mar sabe dançar. O mar é o verdadeiro mestre dos moradores da beira mar. As pernas e os braços desta encantadora rapariga, tão febris e animados, são movimentos ondinos, são abraços e beijos que vivem um instante, mas se repetem constantemente. Há dias e horas, sem dúvida nenhuma, em que o mar brama, fustigado pela nortada, causando naufragios e tragédias. Felizmente, agora há sol e calma. Os noivos bailam, ballam alegremente, no tapete do areal, a caminho do amor e da ventura.

E atrás deles, outros pares enlaçados, surgem, no areal moreno, deixando ficar um suco luminoso, como que um rastro de beijos e de carícias nupciais. Os pescadores são sempre fiéis ao mar — e ao seu amor.

(Interpretações artísticas, gentilmente feitas para o «Mundo Gráfico» pelo distinto professor Artur Rodrigues e a sua graciosa discípula, a artista Nita Duuro)



A vaga lenta já não se espreguiça na praia. A areia, agora, apaixonou-se pelos ritmos da coreografia popular



O heróico general Montgomery, que derrotou as tropas de Rommel, é cumprimentado pelo general nazi Ritter von Thoma, seu prisioneiro



Os soldados norte-americanos provaram as suas excelentes qualidades na ocupação dos principais pontos estratégicos do Norte de África. Ei-los num ataque com lança-chamas a um ponto fortificado



O 8.º Exército ocupa, debaixo de fogo, uma posição fortificada num avanço brilhante e irresistível, que prossegue

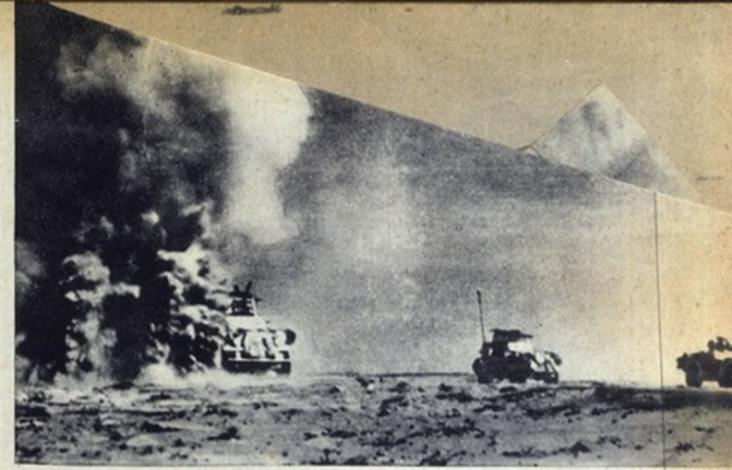


VITÓRIA EM AFRICA

Esta chuva de bombas caiu sobre os exércitos de Rommel. A sua acção destruidora devastou as divisões "panzer", obrigando-as à retirada e deixando nas mãos dos ingleses milhares de prisioneiros e importantes quantidades de material de guerra



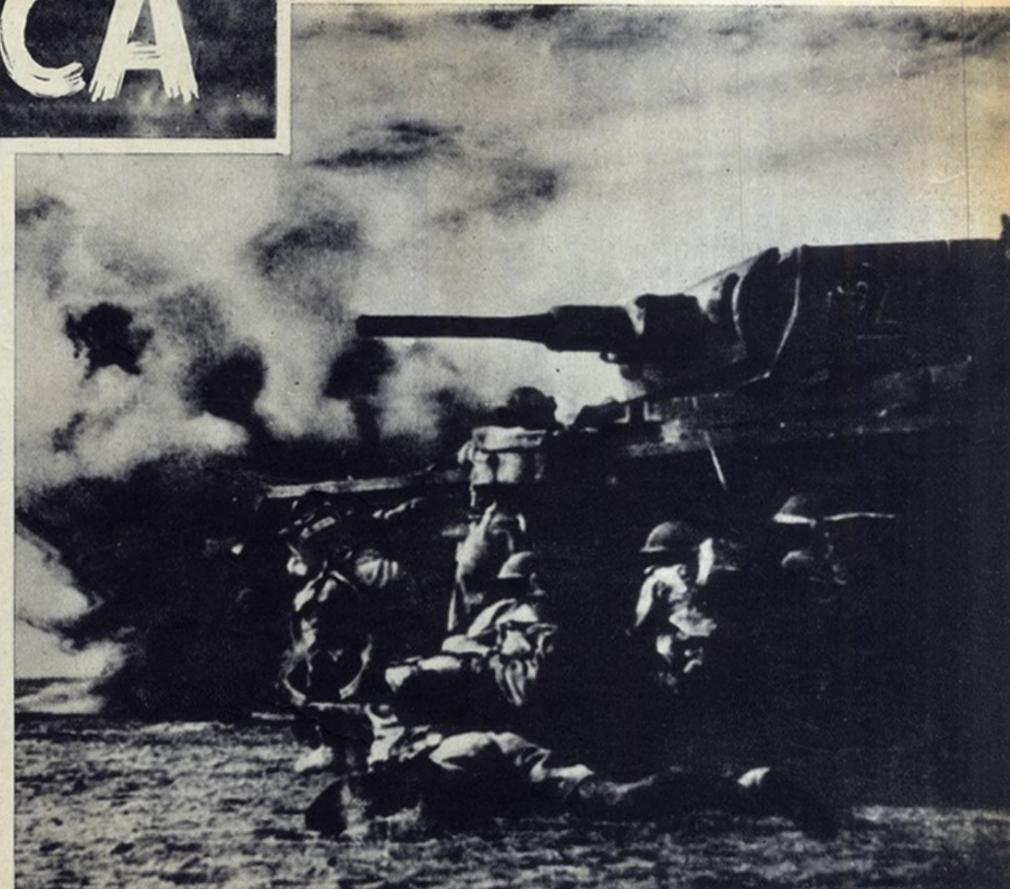
Uma imagem que simboliza a fraternidade de armas anglo-americana. O expedicionário "yankee", pisando as terras de África, e um marinheiro da Royal Navy



O ataque vitorioso das tropas inglesas na Líbia. Os "tanks", inimigos destruídos pela artilharia ardem no deserto



É assim que os soldados americanos avançam irresistivelmente na África do Norte. São os famosos "Rangers", tropas de choque, cujo heroísmo é já conhecido em todo o mundo



A valorosa infantaria britânica corta as linhas do inimigo, servindo-se dos "tanks" nazis como cobertura do seu avanço



Sobre os telhados de Lisboa há uma vida pitoresca e humilde. A janela da mansarda é sempre curiosa

MAIS PERTO do CÉU

QUEM passa nas largas ruas concorridas da «Baixa» ou se mete por outras mais pitorescas que a arquitectura moderna esqueceu, não sonhá, porque certamente ignora ou não se lembra, que bastantes metros acima e portanto mais perto do céu, existe um mundo tranquilo onde o «solo» é irregular, escorregadio, e as chaminés parecem sentinelas que fumam...

Trata-se dum mundo feito de telha, com inesgotáveis beirais que pingam nos dias chuvosos, eternamente, sobre o transeunte apressado...

Uma região tranquila de pitorescas trapeiras quasi inabitáveis e com muitas soluções de continuidade.

A's criaturas estranhas de orelhas espatadas e cauda em riste, que são afinal as mais numerosas nesta região alpestre, pouco se lhes dá que na verdade o seu «pátrio solo» seja tão inclinado e de trânsito difícil para o comum dos mortais, pois não é raro vê-los estendidos em desculpada sêsta, mesmo á beira do precipício.

Em tempos mais frios, talvez mais cuidadosos, aproveitam hábilmente o sol generoso que é



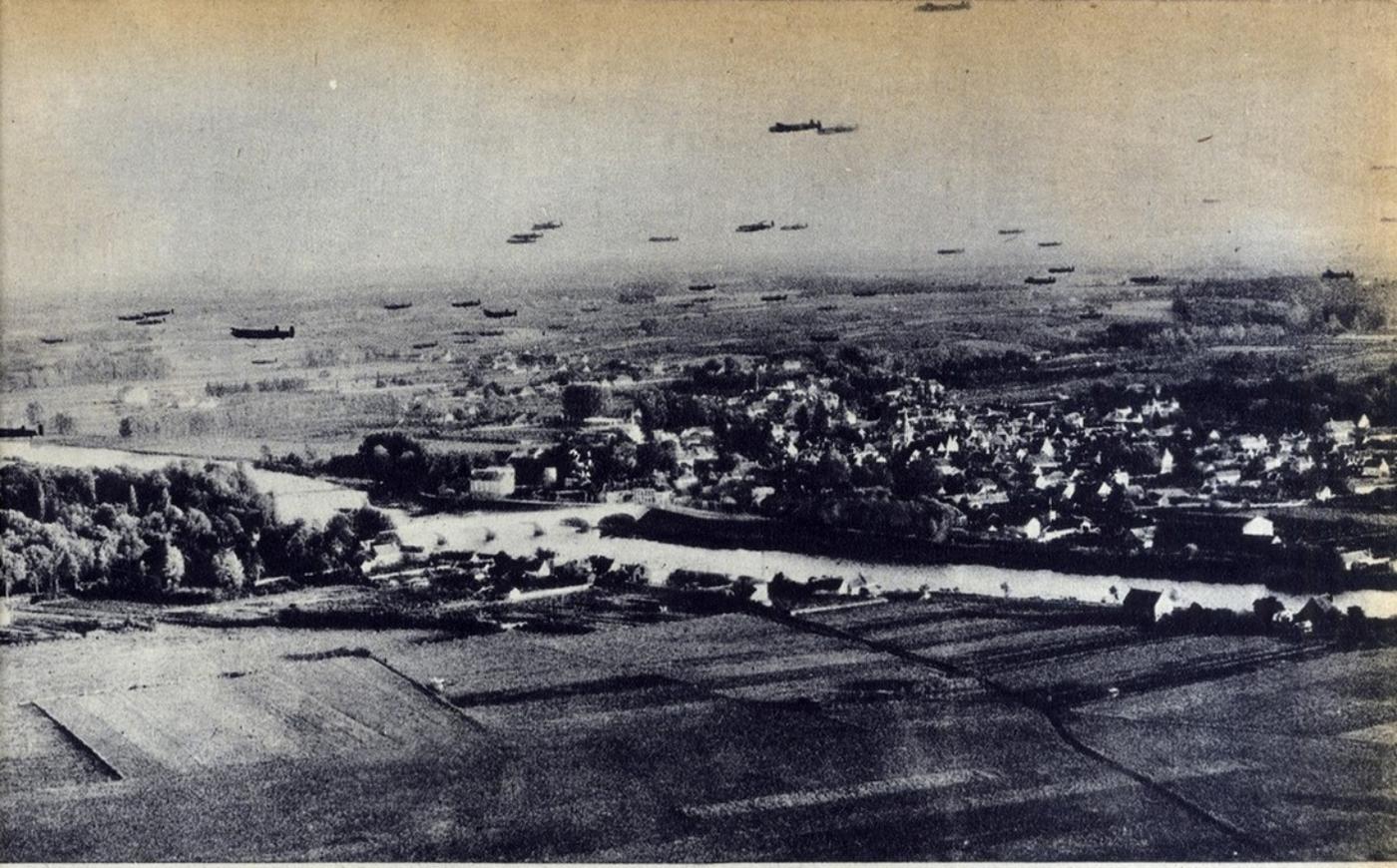
Lá em cima florescem martírios e craveiros e é bonito aquilo... vê-se um pedaço do rio

raro faltar nos telhados e enrolam-se com melhor estabilidade ao pé das latas ferrugentas onde vicejam os cravos e mangericos que durante o verão transformam em balsâmica a calma atmosfera desta altitude serena e distante, donde se torna agradável olhar como acontecimento longínquo a multidão que se agita lá em baixo entre tôdas as pequenas misérias do seu grande egoísmo, em tôda a enorme luta do seu grande trabalho. Mas quando o sol foge dos quatro andares para as águas-furtadas e se pode contemplar sem obstáculos o maravilhoso efeito dos seus raios nas cúpulas envidraçadas ou nas clara-boias que despem reflexos multicolores, sobem

(Continua na página 29)



Esta casa em plena cidade tem qualquer coisa de mourisco. E a mansarda é o arranha-céus dos pobres

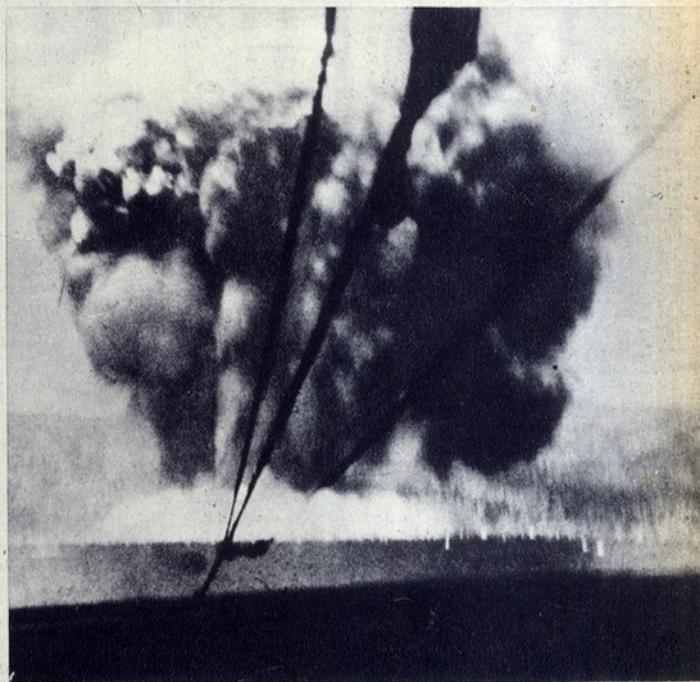


Massas de bombardeiros ingleses estão atacando a Alemanha e a indústria pesada dos países ocupados, que trabalha para o Reich. Eis o vôo magestoso, sobre território francês, de 94 "Lancasters" que, fulminantemente, atacaram as fábricas "Schneider" em Creusot, reduzindo a escombros as partes vitais daquele centro industrial

A R.A.F. FATAÇA O EIXO



Este gigantesco clarão é Gênova a arder sob as bombas da R. A. F. cujos aviões atacaram aquela cidade, partindo da Inglaterra. Cada ponto e cada risco branco são incêndios

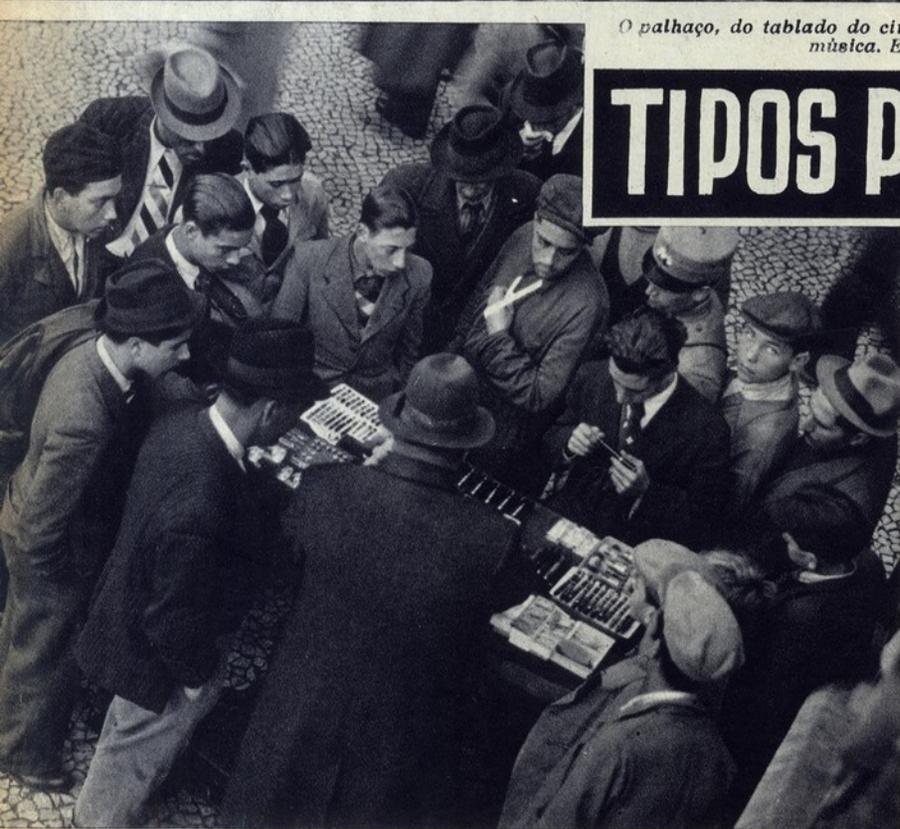


A Armada inglesa domina os mares. Um navio do "Eixo", transportando munições, foi afundado por um submarino. A explosão foi terrível



O palhaço, do tablado do circo, convida o público com monices, berros e música. Exerce o seu modo de vida

TIPOS PITORESCOS



É vulgar encontrá-lo. Ele, o homem das bufarinhas, arma o seu banco em qualquer recanto e oferece a quem passa os seus artigos

O modo de vida é uma espécie de tábua de salvação neste mar encapelado de contrastes, apuros e dificuldades a que se agarra bom número de indivíduos para escapar às agruras da penúria financeira e alimentar. O modo de vida é coisa indefinida que não figura na escala convencional das profissões mas de que se dá conta em certos tratados de economia quando se apreciam desníveis pronunciados nos sistemas de produção e de consumo. Independentemente da rigidês geométrica deste postulado há os casos que não podemos classificar de esporádicos, sob pena de desvalorizar o termo. São aqueles em que o modo de vida deixou de ser por casualidade para se transformar em coisa permanente, isto é: em profissão. Contrastes flagrante do nosso conceito convencional de avaliar as coisas mas que temos que admitir como bom perante os factos consumados e aprovados pelo consenso dos profissionais do modo de vida. E dentro desta classificação temos que englobar infinida desde indivíduos que tendo renunciado ou tendo-se visto forçados a abandonar a sua normal actividade, se lançaram no campo vasto do modo de vida.

Temos, por exemplo, o homem que nos largos e praças, em clima de um banco, rodando de misteriosos caixotes e dominando a circunferência de cabeças curiosas, apregôa, em termos colorosos, certas



*O garoto da roda da sorte a quem nunca
cassela a freguesia de outros garotos*

mêsinhas com virtudes de panacea universal: cura calos, sara chagas, expulsa lombrigas e faz desaparecer as dores de dentes. Depois há o vendedor de «mascotes» que arma o seu mostruário em todos os lugares onde se reúne o povo: romarias, feiras e mercados. E é curiosa a prolixidade de bugigangas que ele vende: o pretinho de celuloide com fitinha amarrada à cintura; a imagem cunhada em chapa de alumínio, o cãozito feito de algodão hidrófilo e os registos ornamentados com penas coloridas que oromeiro põe no chapéu ou na lapela.

Mas há mais: o palhaço que no tablado convida o povo com momices, berros e música, a apreciar o fenomenal espectáculo, limita-se a viver quasi sempre um modo de vida que, com o hábito, se transforma em profissão. Os vendedores de flores de papel, os que apregoam, à volta dos mercados, as caixinhas de palitos e aqueles que levam o dia inteiro a subir e descer escadas oferecendo sabonetes, carrinhos de linha, agulhas e outras insi-



*O homem da panacea universal, orador
fluente, é reclama com fogaosidade os
seus produtos com milhares de applicões*

gnificâncias, mais não fazem que exercer um modo de vida. O mesmo se pode dizer daqueles que armam banca onde calha para vender as suas bufarinhas e dos homens dos fantoches que, com a sua barracota de farrapos e os seus bonecos trabalhados à faca e tão mal enroupados como os donos, percorrem as ruas divertindo grandes e pequenos, em troca de uns centavos. O garoto que com a sua roda da sorte e os seus rebuçados atrai os outros garotos, também exerce um modo de vida.

Estes indivíduos acabam por se deixar seduzir pela sua maneira de viver. Criam um espirito de nómadas, isentam-se da fiscalização do patrão e passam a disfrutar da autonomia que lhes foi dada pela força das circunstâncias. E daí o ter-se o modo de vida transformado em profissão.

Serão felizes os profissionais do modo de vida? É possível. Dentro da concepção de felicidade que cada qual cria para si é provável que eles se sintam contentes.

Interrogamos um desses tipos acerca do seu processo de vida: — Não é mau, senhor. Come-se menos, mas vive-se... e até a gente se diverte. É o costume...

E agitando os farrapos dos seus bonecos, o mísero empresário, grasnando como um pato recolheu-se à sua barraca. E nós ficamos a pensar se o conformismo daquele homem não lhe teria sido transmitido pela insensibilidade dos seus fantoches de pau e trapo. Ou seria ele um filósofo amargurado e desdenhoso — protótipo dos profissionais do modo de vida?



*Comodamente sentados no lancil ou encostados à parede, os pequenos espectadores e
alguns também graúdos, divertem-se com os fantoches*



PORTUGUESES EM LONDRES

O sr. dr. Armino Monteiro, falando, tendo a seu lado, o antigo embaixador da Gran-Bretanha em Lisboa, Sir Francis Lindley

A colónia portuguesa em Inglaterra, raras vezes foi numerosa. Nem mesmo em tempos distantes, quando os acontecimentos internos obrigaram ao exílio alguns portugueses a acolherem-se a aquele hospitaleiro país.

Durante o período das invasões napoleónicas notáveis figuras mentais e morais ali fixaram, temporariamente, residência. O grande e impoluto Alexandre Herculano — entre outros: — homiziou-se em Londres, e por lá viveu anos, aguardando momento propício para voltar à pátria — libertada de invasores.

Contudo, é agradável notar que essa ausência fortaleceu, se possível, ainda mais a integridade do homem e do escritor. O estudo da obra de Scott e o convívio mantido por essa época com superiores figuras literárias inglesas, havia de, mais tarde, influir benéficamente na obra sóbria do historiador.

Mas, foi sempre seduzida a nossa colónia na nobre Albion. Neste caso não é de contar o número pela qualidade.



O sr. marquês de Lavradio, uma das figuras mais queridas da sociedade inglesa, que tantas vezes tem falado ao microfone da B. B. C.



Uma reunião na Sociedade Anglo-Portuguesa, onde se vêm figuras representativas da nossa colónia e ilustres personalidades britânicas



Sob a presidência do embaixador de Portugal, realizou-se recentemente naquele organismo uma interessante festa de arte

Não sabemos se, pela atracção de um meio superior, se pelo acolhimento, o que é facto é que o número, por pequeno nem por isso deixa de ser representativo e grande...

O exemplo do passado pode ainda servir para citação do aspecto actual.

A Sociedade Anglo Portuguesa, instituída em Londres ainda não há muitos anos, serve maravilhosamente para justificar o que acima escrevemos.

Não inclui a Sociedade muitos elementos, mas os que fazem parte dela, são suficientemente conhecidos — pelo talento, pela cultura, pela fácil assimilação do meio superior em que vivem. Este pormenor, ao contrário do que, erradamente, se poderia supor, não elimina as virtudes e os sentimentos, existentes e inalteráveis na alma portuguesa. Antes os fortifica.

(Continua na página 29)



A saída da brilhante festa, o sr. dr. Armino Monteiro com alguns dos convidados

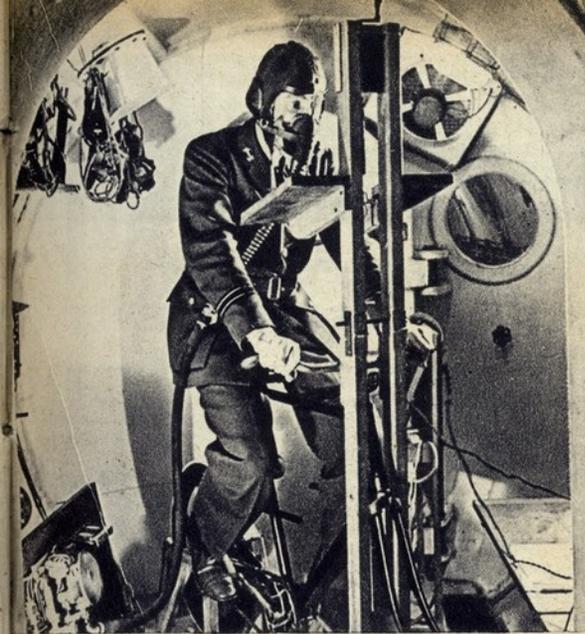


O microfone da B. B. C. transmite a brilhante saudação que o sr. dr. Armino Monteiro dirigiu à colónia portuguesa de Londres



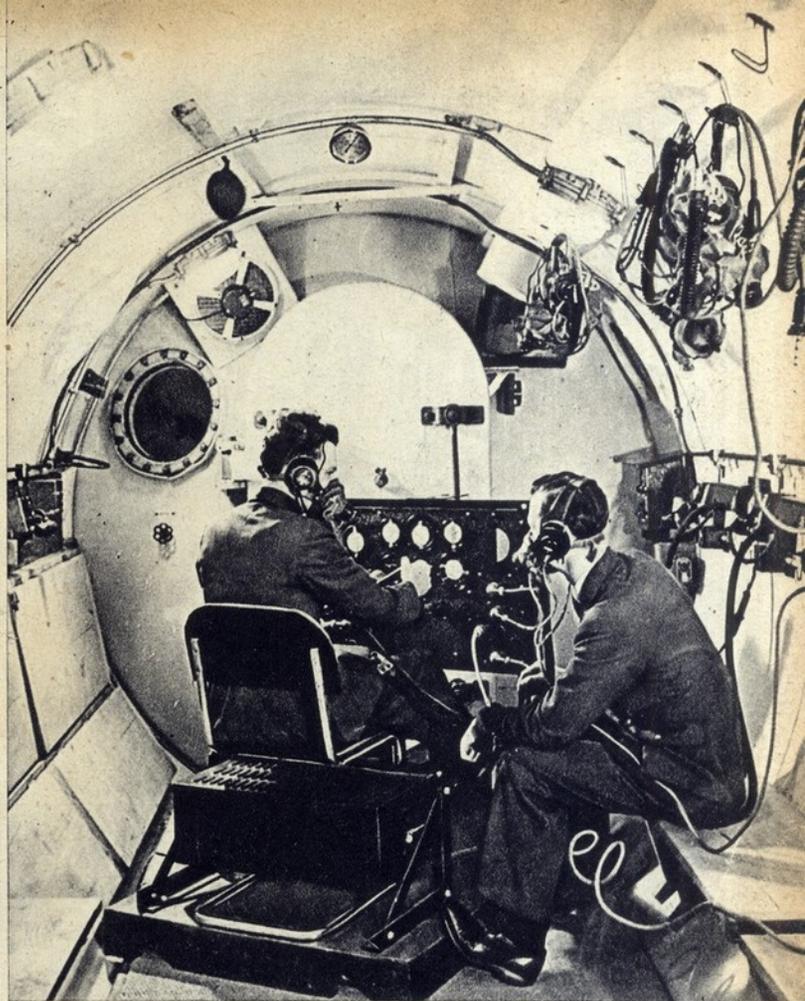
A AMERICA NA OFENSIVA

O general Eisenhower (ao centro), comandante das forças das Nações Unidas que desembarcaram no Norte de Africa, tendo à direita o general Smith e à esquerda o general Mark Clark, do seu estado maior. O general Eisenhower revelou-se nesta operação um extraordinário estratega



Os grandes bombardeiros da R. A. F. actuam a grandes altitudes, utilizando visores especiais, de enorme precisão. As tripulações precisam de uma preparação especial para adapta-las às condições de vida das altas camadas atmosféricas. Eis um piloto, em exercício de resistência à fadiga, numa câmara hermética, onde se estabeleceu uma pressão adequada, respirando artificialmente

AVIADORES DE ALTITUDE



O piloto e o radio-telegrafista, ocupam os seus postos, como se tripulassem um bombardeiro. Comunicam entre si pelos telefones internos com um microfone adaptado ao aparelho de respiração artificial



Dentro da câmara, o aviador vai sendo submetido às variações atmosféricas correspondentes a sucessivas altitudes, que se obtêm com auxílio de instrumentos especiais. O instrutor comunica telefonicamente com o interior



Fôra da câmara, onde é rigorosamente proibido fumar, os instrutores seguem atentamente as reacções dos aviadores que se conservam no interior durante o tempo de um vôo de longo curso

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

OS CHAPÉUS DÊSTE MOMENTO

Jano; filho de Apolo e da ninfa Creusa, recebeu nos seus Estados Saturno, quando ele vinha perseguido por Júpiter. Em virtude de o ter benévola e acolhido, aquele deus dotou-o com o conhecimento do passado e do futuro — daí ele ser figurado com duas caras.

Ora os chapéus dêste momento chamam-se rosto de Jano porque apresentam dois aspectos: um de frente e outro de costas.

Estão neste caso, principalmente, as boinas que junto ao rosto parecem toques ou bretões altamente erguidos, e atrás parecem discos.

E a rectaguarda é quasi sempre mais trabalhada, como alids, acontece nos vestidos: roda, botões, poupa, franzidos nas costas.

A moda de hoje encontra-se fortemente influenciada pelo fim do século XIX e principio dêste: chapéus volumosos mas pequenos, colocados para a frente, em veludo franzido, flôres de cetim e panne, fitas, plumas e pássaros. Em contraste, vêem-se também as grandes capelines colocadas abertamente para trás, formando auréola e cobrindo a nuca. As guarnições aplicam-se atrás e formam a surpresa, a maneira completamente diversa como o chapéu se apresenta visto de frente e de trás.

Outros exemplos do rosto de Jano: um trotteur vermelho escuro. Têm espetados do lado esquerdo, onde a ata levanta, uma pena de faisão do lado da nuca e uma pluma do lado do rosto. — Um feltro verde amêndoa. A aba que desce sobre os olhos é clássica, masculina mesmo; a envolver o cabelo um drapé de veludo.



Dentro do lar, a mulher também deve ser elegante

DESCANSO INTELIGENTE — OPTIMISMO

É aquele que se deve fazer, de vez em quando, para dar repouso ao corpo e serenidade ao rosto.

Mas é preciso saber descansar. Assim, suponhamos que tem um quarto de hora apenas — aproveite-o bem.

Feche as persianas, corra os cortinados, tire a cinta e delte-se com uma almofada nos pés para que a cabeça fique mais baixa. Respire profundamente e esqueça tôdas as preocupações.

Tem meia hora? Isole-se igualmente e respire à vontade. Aplique sobre os olhos uma compressa de água de rosas, quente. Ponha uma botija aos pés e tente dormir.

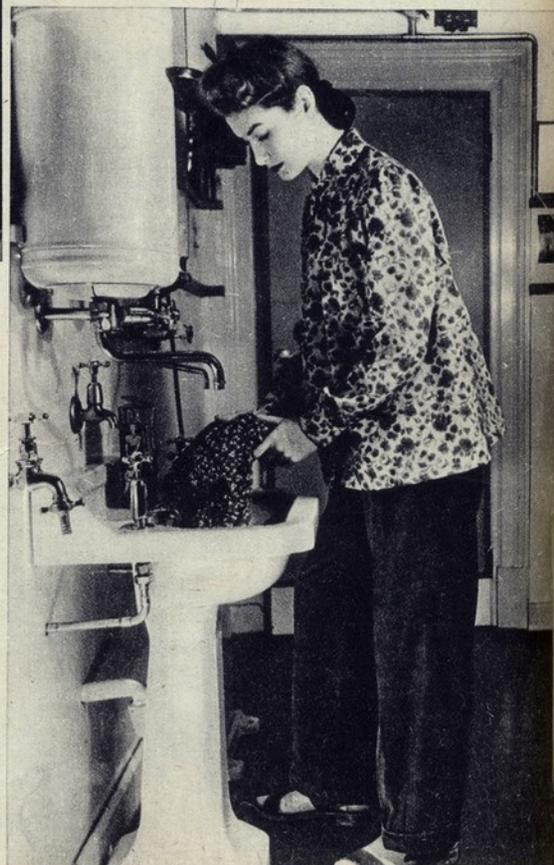
Tem uma tarde? Durma, vá. Despa-se completamente e, às escuras, meta-se dentro da cama.

Tem um dia inteiro? O marido está ausente e os pequenos foram para casa dos avós. Não pense em arrumar gavetas ou escrever cartas — aproveite para descansar.

Tomie banho demorado, faça uma fricção com água de colônia e alguns exercícios ginásticos. Se tiver jardim, deite-se numa rede, sem fazer nada e sem pensar. Ou então na cama com a botija (não há repouso sem os pés quentes). Faça profundas inspirações. Depois do almoço, durma a sesta. A' hora do jantar, coma apenas legumes e fruta, acompanhando com chá de cidreira.

Algumas verdades para meditar... e seguir:

- Quando estamos descontentes com os outros, é porque o estamos conosco.
- Dominar-se a si próprio é meio caminho andado para dominar as circunstâncias.



Um lindo pijama da manhã

CASA QUEY

Hosiery Spécialits

OUT SIZES

MAISON FRANÇAISE
RUA SERPA PINTO, 18

MÁQUINA DE ESCREVER NÃO ERA
CONHECIDA ATÉ QUE EM 1873

REMINGTON

CONSTRUIU A PRIMEIRA

Máquinas

- Comerciais
- Portáteis
- Somar
- Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO COM PESSOAL ESPECIALIZADO

Ficheiros **KARDEX** e Arquivos



LISBOA

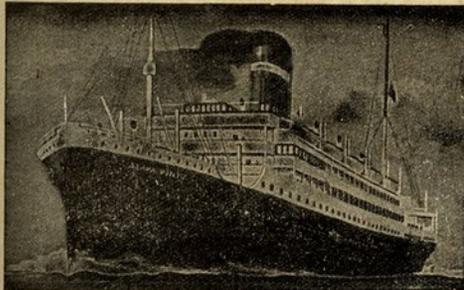
PORTO

R. da Misericórdia, 20-1.
Telefones: 2 1802 - 2 1803

R. Sá da Bandeira, 69-2.
Telefone: 1 276

OS PAQUETES

da Companhia Colonial de Navegação



O LUXUOSO PAQUETE "SERPA PINTO"

ligam a Europa com as Américas do Norte e do Sul e com a África em linhas rápidas

PAQUETES	VAPORES DE CARGA
«Sarpa Pinto» 8.267 T.	«Pungue» 6.290 T.
«Mouzinho» 8.374 »	«Malange» 5.050 »
«Colonial» 8.309 »	«Lobito» 4.200 »
«João Belo» 7.540 »	«Sena» 1.420 »
«Guiné» 8.200 »	

ESCRITÓRIOS

LISBOA — Rua Instituto Virgílio Machado, 14 (à Rua da Alfândega) — Tel. 2.0051

PORTO — Rua do Infante D. Henrique — Tel. 2.342

A batalha de Estalinegrado

por CARLOS FERRÃO

ENQUANTO tódas as atenções se fixam em acontecimentos sensacionais que se estão desenrolando no norte de Africa, dir-se-ia que aquilo que se passa na frente Leste passou para o segundo plano das preocupações gerais. E, entretanto, são os episódios que se desenrolam ao longo da extensa linha que se estende de Murmansk a Baku que continuam a influenciar, decisivamente, o panorama geral da guerra e da sua evolução.

Durante os últimos quinze dias não se registaram modificações apreciáveis, nem quanto ao traçado da frente russa, nem quanto às condições em que a luta ali se desenvolve. Isso não significa que se não tenham operado transformações reveladoras que dizem respeito à orgânica dos exércitos em presença e aos métodos que estão empregando na batalha. Do lado soviético há a registar a substituição do Comissário para a defesa nacional e o desaparecimento dos Comissários políticos que, junto das formações militares de todos os graus interpretavam o pensamento do regime. Do lado alemão verificaram-se alterações nos comandos as quais se destinam a ter reflexos apreciáveis no conjunto da máquina militar do Reich.

A batalha de Estalinegrado, onde se mantém a defesa soviética, degenerou na batalha pelo domínio do Volga ou, mais propriamente, da parte inferior do curso daquele rio. Hitler disse, no seu último discurso, ter cortado o tráfego do Volga, mas é preciso não esquecer que o rio se encontra selado a partir desta época durante muitos meses e que, portanto, as condições em que se realiza o transporte de mecadorias ao longo dele sofreu uma transformação radical.

Sob o ponto de vista militar o «contrôle» do rio só pode conseguir-se com a posse integral de Estalinegrado o que até agora não foi conseguido pelos atacantes. Enquanto os defensores se mantiverem na margem direita do rio e puderem concentrar, na margem esquerda contingentes e material em quantidades avultadas, tudo indica que a luta prosseguirá sem conduzir rapidamente a um resultado decisivo.

A aproximação do inverno condiciona, de maneira decisiva, o prosseguimento da luta na frente leste. Em 1941 as operações paralisaram praticamente a partir de 15 de Novembro, data em que o Chanceler do Reich substituiu, pessoalmente, o chefe do Estado Maior e comandante dos exércitos em operações, marechal Walter von Brauchitsch. Este ano já se anuncia a aproximação do inverno, assinalando-se o seu rigor em vários pontos da frente. Essa circunstância domina o conjunto da situação na frente leste e o panorama geral desta fase da guerra.

OS AMERICANOS DESEMBARCARAM

(Continuação da pág. 4)

barcados e entrar imediatamente em operações alguns centos de milhares de homens, devidamente armados e apetrechados com o mais moderno equipamento de guerra.

O desembarque dos norte-americanos na África francesa comporta dois aspectos: um aspecto militar e um aspecto político. Sob o ponto de vista militar, os objectivos em vista são os seguintes: libertar o continente africano das tropas do «eixo»; abrir o Mediterrâneo à navegação, regular e restabelecer o domínio das Nações Unidas naquêlê mar; preparar a ofensiva anunciada nos discursos dos homens de Estado anglo-americanos. Coincidência curiosa: esse desembarque realizou-se precisamente no dia em que na cervejaria de Munich o Führer falava e se completavam onze meses sobre a entrada dos Estados Unidos na guerra. Os observadores imparciais e objectivos dos acontecimentos podem, assim, verificar como, no panorama geral da guerra, se operou uma transformação radical.

Em onze meses o povo americano e as suas forças armadas não se limitaram a curar os golpes vibrados por um inimigo que atacara em circunstâncias especiais; prepararam as condições para ter no conflito a intervenção decisiva a que davam incontestável direito o seu passado, as suas tradições, os seus recursos e a sua bravura. Desembarcando pela segunda vez no Velho Mundo, no curto prazo de vinte e cinco anos, os americanos iniciam a sua acção em estreita colaboração com os seus aliados da Gran Bretanha. A operação de desembarque completa e torna decisiva a operação iniciada no Egipto sob o comando do general Montgomery.

Sob o ponto de vista político, a acção empreendida no continente africano destina-se a ter as mais importantes repercussões. Basta, para demonstrar esta afirmação, lançar o olhar a um planisfério. A coligação das Nações Unidas manifestou o propósito de conduzir a guerra até uma decisão vitoriosa. Esse propósito está a ser firmemente executado. O que se passou em Africa contribuirá poderosamente para realizar esse objectivo e para criar as condições definitivas de uma paz duradoura, estável e justa.

A Rapariga DO BAR

NOVELA DE ALEIXO RIBEIRO

UMA simples ilusão perdera a sua vida. Era um céu sem núvens, mas assim vazio, igual, como um deserto. Só um sol — a figura de sua mãe. Quando lhe morreu, fez-se a noite no seu coração sozinho. Mais nenhuma afeição. Desde adolescente a uma banca da firma onde subiu a lugar invejável. Inútilmente. Casara sem encontrar amor. Só interesse pelo seu bom ordenado. Já o sentira. Feio, deselegante. Traído. Voltou para junto da mãe, como quando era menino e chorava. E acabou-se! Mais nenhuma mulher no mundo que aquele anjo de ternura, já com cabelos brancos. E morreu-lhe.

Tinha uma irmã, que casara. Ainda veio assistir aos últimos momentos da mãe. Muito presa à sua casa, aos filhos, ao marido! Agora estava diante dele e do único bem ali extinto, de mãos-postas. Nada mais a herdar que os trastes e uma renda antiquíssima. Propôs à irmã viver ali com os seus. Ficando com tudo. Ele só guardaria o seu quarto de celibatário. Um cantinho, nada mais. E ajudaria as despesas da casa. Aterrava-o o isolamento, ficar ermo na vida, como ninguém. Mas não queria pesar à irmã, cedia-lhe tudo em troca de ser aceite no seu lar. Ia para velho, e antevia poder assim dedicar-se, grangear afeições. Cedia tudo em troca.

A irmã aceitou. Assinaram a escritura. Ela veio viver com ele, o marido, os pequenos e alguns pedaços, de que não se quis desfazer, da outra casa. A presença dos sobrinhos, a quem tanto visitava e prendava, encantou-o. Só um tanto barulhentos na casa ainda tão cheia de dor daquela ausência insubstituível. A irmã nem de longe pensava atenuar-lhes a traquinice inocente, por um pouco de lembrança pela avó. Nos últimos anos, já tolhida na sua cadeira de repouso, a velhinha queixava-se da saúde dos netos. E era o tio, sempre que a mãe lhe consentia, quem os trazia a verem a avó. Morreu sem ver os netos — para não os impressionar. A plena felicidade que o casamento trouxera à irmã desprendera-a da mãe. Encheu-lhe o coração, sem lugar para mais. Agora o irmão assistia a essa plenitude feliz. O marido adorava-a, ela absorvia todas as suas conselheiras e desvelos no marido e nos filhos. Mas tão transbordante dedicação tinha o seu reverso: — o egoísmo. Um egoísmo que o irmão sentiu cair sobre si, esmagadoramente. Os seus olhos viam plenamente realizado o sonho que não tivera. Ainda, se os tivesse, teria os seus bracinhos tenros para se repousar à volta das ocupações de todo o dia. Assim — muitas vezes não contava com os filhos da irmã, a dormir, doentinhos ou a brincar, muito entretidos. Furtavam-lhe as crianças, não lhe dispensavam uma afeição. Só contavam com ele para auxílios, despesas. E bem compreendia, bem o sofria: a irmã explorava-o. O cunhado explorava-o. Um intruso naquela felicidade. E feio, deselegante, começava a envelhecer.

Passou a noite a noctambular sem destino, até se estafar. Inverno. Chuva e frio. Todo o mundo encarniçado contra ele, a fustigá-lo! Certa noite entrou num bar. Chamou-o o ambiente quente. Chamaram-no a música e as luzes. Talvez as



— COMO SE CHAMA ?

mulheres... Entrou. No vestibulo despojaram-no da gabardine enopada, do chapéu desasado, gotejando, e do «cache-col» misantropo. Sem transição, deixou-se encharcar pelo clarão incendiado de oiro, voltaico, sensual. Encheram-lhe os olhos, e a alma transida, os estampidos musicos, selvagens, eletrizantes de nervos tombados. Seus olhos redopiaram com a dansa.

A vertigem possuiu-o logo, caminhou para o balcão ao fundo.

O balcão alto, o mosaico dos vidros e dos rótulos, e o *barmen*. Alçaprou-se a um daqueles bancos esguios, pediu bebida refrescante, inglesa, de lassadora ou narcótica. E uma voz fina, como fio de música terna :

— Boa noite.

— É servida ?

— Nunca digo que não.

Uma linda mulher. Um belo decote, de pele cristalina, um pouco rósea, o rosto de anjo ou demônio loiro. Píntea e malícia.

— Como se chama ?

— Lizette.

Um sorriso que se furta a cintilar, como rasto de estrêla :

Era feio, deselegante, a ir para velho. Mas, depois que lhe morrera a doce velhinha, haveria alguém que visse nêle mais que um filão a explorar ? Um filão com uma alma de que ninguém se importava. Desde os patíões ao cunhado.

Não lhe interessavam legítimas exigências que sempre recalcaria para não escarnerem, mesmo honestamente, a sua fealdade. A rapariga do bar dava-lhe uma ilusão de amor. E nada mais lhe ficava de intimo, de humano, que uma revolta contra a sua vida.

Que pena não ser milionário! Antes do mês findar tinha exausto o ordenado. Foi ter com o cunhado para lhe obter a satisfação duma dívida. Recebeu conselhos. E, confiado no parente conselheiro, tirou dos cofres da firma o correspondente àquele débito legítimo. Para continuar encantado com a sua ilusão de amor.

— Como tu és amável!

No termo do mês voltou ao cunhado. Mais conselhos :

— Tu assim não vais bem.

— Optimamente, se tu me pagasses.

— Tem paciência. Espera...

Só os cofres da firma não esperavam.

Mas êle vivia na ilusão que lhe dotrava o mundo. Sem a ilusão, que veria êle o homem que era o cunhado ? E iludiu a firma. Foi chamado à gerência e iludiu a gerência.

— Adeus, Lizette.

Uma rosada nuvem de carícias que se desfaz. E êle a iludir a polícia. Agora uma masmorra negra e estreita. Meia dúzia de homens encurralados com êle. Varões de ferro cruzados. E além — o sol.

A Senhora Roosevelt

Nem as esposas dos Chefes do Estado se encontram livres da Censura de Guerra.

A Senhora Roosevelt escreve desde a sua chegada a Inglaterra um artigo diário nos jornais britânicos. — «O meu dia» se intitula.

Ora num dos primeiros artigos a Censura britânica cortou-lhe uma frase, substituindo-a por 4 palavras, para que o inimigo não localizasse a fábrica de que falava a esposa do Presidente dos Estados Unidos.

A senhora Roosevelt dedicou-se sempre ao jornalismo e à rádio e nesse campo tem sido grande auxiliar do marido em toda a sua carreira política. Nas campanhas eleitorais é dos propagandistas mais activos.

Durante a sua visita ao aliado do lado de cá do Atlântico não quis interromper a sua actividade jornalística e o público britânico tem-na apreciado entusiasticamente.

Capitão H. D. Owen

Ao jantar de homenagem que foi oferecido ao capitão H. D. Owen, adido naval da Embaixada Inglesa, assistiu também o distinto jornalista Mauricio de Oliveira, director da «Revista de Marinha», que foi o promotor dessa significativa festa.

A contribuição dos DOMÍNIOS e da ÍNDIA

(Continuação da página 8)

demonstrando uma grande decisão e uma extraordinária bravura. Mas é no capítulo da construção naval que, nos últimos tempos, a contribuição do Canadá tem assumido proporções verdadeiramente impressionantes. A batalha do Atlântico e a sua evolução recente devem muito à atitude decidida e corajosa dos operários, dos marinheiros e dos oficiais da marinha canadiana que têm revelado não apenas uma bravura digna de todos os elogios mas também uma competência técnica que revela a Armada do Canadá como as melhores e mais eficientes do mundo.

A contribuição dos Domínios do Pacífico para o esforço de guerra comum, tomou uma repressão definitiva em seguida ao ataque japonês a Pearl Harbour. Tanto a Austrália como a Nova Zelândia mobilizaram os seus recursos em homens, em matérias primas e em potencial industrial. Como na metrópole, todos os homens válidos e todas as mulheres em condição de trabalharem

para a guerra se dedicam à tarefa da defesa nacional que as circunstâncias tomaram urgente e imperiosa.

MAIS PERTO DO CÉU

(Continuação da pág. 18)

os pregões anunculados tão impetuosamente.

Em cima, o doce crepúsculo, cada vez maior, dum tarde serena. E quasi num ângulo, mesmo ao pé daquelas duas trapieiras que parecem irmãs, uma rapariga magra e pálida arruma a sua costura.

É dona dum enorme gato preto com dois olhos muito amarelos e que patinhou, uma vez, toda a branquíssima roupa que aquela varina gorda, que às vezes lhe dá carapaus, pusera a côr.

Naquela, onde vegeta uma raquítica plantazinha ao pé da qual escrevem todo o santo dia dois rapazes, debruçou-se um deles.

Dizem que é poeta e que ama a pequena do gato. E por noite velha, quando a lua aparece de súbito, or cima do telhado mais alto pode-se ouvir o descerar subtil dum vidraça e certa vozinha melga principiar assim:

— Boa noite Sr. Artur...

Mariac Dimbla

PORTUGUESES EM LONDRES

(continuação da página 23)

Neste ligeiro pormenor, vem a ponto a acção notável do nosso Embaixador em Londres. Se o sr. dr. Armindo Monteiro tem no meio diplomático conseguido, mercê do seu talento, posição de alto relêvo, sua esposa, a Senhora Embaixatriz, tem, pelo seu requintado espirito, conquistado o merecido ambiente de simpatia na cultíssima e, também, exigente sociedade inglesa.

Ainda não há muito, numa recepção em que tomaram parte grandes figuras mundiais, representando vários países de concepções políticas diferentes, o nosso Embaixador, sr. dr. Armindo Monteiro, conquistou, naturalmente, as pessoas ali reunidas.

Dir-se-ia que o seu espirito, a um tempo perscrutador e subtil, tão justamente comentava, num a-propósito sorridente, as teorias sociais de um grande diplomata europeu, como revelava o seu profundo conhecimento de assuntos internacionais.

Portugal cuidou sempre da sua representação junto da grande Nação amiga e aliada. O facto não é de hoje, somente. Por isso, além da figura elevada do nosso Embaixador outros vultos, que na capital inglesa, têm exercido acção digna de registo, são merecedoras de incondicional aplauso.

Estão neste caso o sr. marqués do Lavradio, cujas palestras ao microfone da B. B. C. são sempre escutadas com verdadeiro enlêvo por muitos milhares de portugueses.

Literatura Inglesa

THOMAS CARLYLE



CARLYLE foi, decerto, o pensador inglês mais original do século XIX.

Thomas Carlyle, quando ainda jovem, frequentou a Universidade de Edimburgo, e ali prelecionou sobre temas teológicos, mas terminou por abandonar aquelas predicações escrevendo aos pais que não estava disposto a estudar tal matéria pois «a literatura era a verdadeira igreja dos tempos modernos».

Na sua «História da Literatura», obra apaixonada, divulgou admirável soma de elementos sobre superiores manifestações de cultura.

A obra em que, possivelmente, Carlyle aparece um tanto contraditório e a que, aliás, mais relêvo e celebridade deu ao seu nome de historiador foi, decerto, «Os heróis e o culto dos heróis».

É crível que os críticos deste livro encontrassem razões lógicas para a formação dos seus juízos, por vezes, difíceis de destruir.

O grande filósofo sempre manifestou e confessou repulência pelas fórmulas

estáticas e por opressivos dogmatismos; mas ao mesmo tempo proclamava que «a sua religião era espiritualista e universal».

Essa interpretação filosófica da evolução da sociedade e do indivíduo levou-o a considerar os heróis como seres superiores aos quais se deveria prestar cega obediência.

Dai a discordância notada na sua obra por alguns críticos. Todavia, Carlyle, em outros dos seus livros, defendeu o alto valor da dignidade individual e as suas teorias são inspiradas em normas de bondade e no espírito criador do indivíduo.

E de tal modo interpretou os factos na sua «História da Revolução» que vários dos seus biógrafos consideram aquela obra prejudicada, alegando que os pensamentos são absorvidos pela eufonia descritiva da prosa.

Contudo, os seus estudos críticos sobre Montaigne, Pitt, Nelson, Montesquieu, Heine, são impecáveis de verdade histórica e de evocação da verdade.

A actividade de Carlyle foi exemplo notável de trabalho. Publicou e anotou as «Cartas e discursos de Cromwell», «Sartor Resartus»; biografias de Lutero, Shakespeare, Mahomet, Dante, Burns, Napoleão, etc. além de uma longa série de «Panfletos», e da tradução de vários autores de fama mundial. Os seus pensamentos, apesar de profundos, foram, segundo alguns comentaristas, por vezes ofuscados pelo brilho da sua prosa luminosa e poética.

Não obstante as suas teorias e a sua arte, os seus ditames doutrinários, nem sempre concordantes para os investigadores, Thomas Carlyle deixou uma obra que exerceu forte influência sobre duas gerações.

Em 1875, quando da celebração do seu 80.º aniversário, o pensador recebeu das mais altas figuras mentais de Inglaterra e de outros países numa enaltecedora homenagem.

A última edição das suas obras, que abrange trinta volumes, fez-se, simultaneamente, em Londres e em Nova-York solenizando o centésimo ano do seu nascimento.

Thomas Carlyle nasceu em Ecclefechan, na Escócia, em 14 de Setembro de 1795, e terminou os seus dias de labor e inquietação em Chelsea, com 86 anos de idade.

A. R.

Quando sentir Dores de Estômago



RENNIE

ACTUA EM 80 SEGUNDOS

Às vezes, a indigestão ataca no momento mais inconveniente, quando se passa, trabalha ou se viaja. Se usa remédios que precisam de ser medidos e misturados com água, num copo, terá de suportar o sofrimento. Mas nada disto é necessário. Pode ter sempre consigo, na algibeira, algumas pastilhas Rennie (são embrulhadas em papel parafinado) e assim tomá-las onde quer que se encontrar.

Rennie tem gosto agradável, chupa-se como bombons. Ao mesmo tempo que se dissolve na boca, os seus 15 ingredientes atacam a indigestão. Neutralizam a acidez causada pela acidez, aliviam a dor, fazem desaparecer a flatulência e o mal estar.

Dastam 80 segundos para a Rennie acabar com o mais forte ataque de indigestão pois chega ao estômago com toda a sua força, sem diluições pela água.

Rennie tem dado alívios a pessoas que sofreram durante anos. 1193 médicos usam e recomendam estas pastilhas aos seus doentes.

Experimente Rennie imediatamente. Compre um pacote em qualquer farmácia ainda hoje.

CINEMA



Diana Lewis, a encantadora esposa de William Powell, adora o sel e a piscina

PEDRAS SOLTAS...

Panorama do Cinema Português

Nova firma produtora

Armando Miranda, que realizou o filme «Pão Nosso...», acaba de fundar, com o concurso de duas individualidades estranhas ao meio cinematográfico, uma firma produtora de filmes, que adoptou para sua razão social o nome de «Cinelândia, Limitada».

A primeira película, que já se encontra em preparação, será realizada por Armando Miranda sobre argumento, da sua autoria, já visado pela Comissão de Censura. Embora a acção do filme, que ainda não tem título definitivo, se desenrole no Algarve, a sua estrutura não tem carácter regional.

Segundo nos informam, a nova firma produtora, apesar de ser dirigida, no seu aspecto técnico, por Armando Miranda, não se limitará a produzir filmes sob a sua chancela de realizador. Está assente confiar a outros cineastas a direcção de subseqüentes produções.

Armando Miranda conta deslocar-se ao Algarve em princípios do próximo mês, afim de proceder à escolha de locais. Para o papel de protagonista indigita-se o nome do actor Oliveira Martins.

Os escritórios da firma «Cinelândia Limitada» estão instalados na Avenida António Augusto de Aguiar, n.º 136-1.º.



No novo filme português «Um homem do Ribatejo», há imagens admiráveis como esta

NOTÍCIAS DIVERSAS

● Prosseguem activamente os trabalhos de construção do novo estúdio da Lisboa-Filme, no Lumiar. As paredes atingiram já sete metros de altura.

● O produtor José Cesar de Sá obteve autorização do Ministério da Agricultura para filmar algumas cenas de equitação, para a película «Fátima, Terra de Fés», numa das matas do Estado.



Uma cena do novo filme policial inglês «Anything to Declare», com John Loder, Belle Christall, Noel Madison e Leonora Corbett

PARA RIO DE JANEIRO E SANTOS

Sairá um vapor
na 2.^a quinzena do corrente mês

Para carga e passageiros trata-se:

Em Lisboa — Rua do Comércio, 85

No Porto — R. Infante D. Henrique, 78



B. B. C.

A Voz de Londres fala
e o mundo acredita

Emissões em Língua Portuguesa

Primeira Emissão às 11,45	{	24,92 m. (12,04 mo/s)
		19,76 m. (15,18 mo/s)
		13,86 m. (21,64 mo/s)
Segunda Emissão às 13,15	{	31,75 m. (9,45 mo/s)
		24,92 m. (12,04 mo/s)
		19,76 m. (15,18 mo/s)
Terceira Emissão às 22,00	{	31,75 m. (9,45 mo/s)
		40,98 m. (7,32 mo/s)
		41,75 m. (7,18 mo/s)
		261,10 m. (1,149 ko/s)
		1.500,00 m. (200 ko/s)

*Fica anotado que a partir de 25 de Outubro,
quando a hora em Portugal for mudada, estas
emissões serão ouvidas uma hora mais cedo.*

MUNDO GRÁFICO



A máscara
vitoriosa
dum paraquedista
canadiano
olhando o céu
coberto
pelas asas
da R. A. F.